

A DIFÍCIL E MILENAR ARTE DE SE CONVIVER COM AS DIFERENÇAS: UMA LEITURA SEMIÓTICA DO CONTO “OS DRAGÕES”, DE MURILO RUBIÃO.

Prof^a.Dra.Suzete Maria Santin

Esta seção direciona um olhar especial para a leitura literária, utilizando-se para isso de estratégias teorizadas por pensadores do texto.

Neste número realizamos o exercício de leitura do texto “os Dragões”, de Murilo Rubião, autor ligado à vertente contemporânea brasileira do Realismo Mágico, das décadas culturais de 70 a 80 da literatura brasileira.

Esta leitura será realizada à luz da semiótica de Charles Sanders Peirce, ciência que estuda os signos e todas as linguagens e acontecimentos culturais como se fossem fenômenos produtores de significado.

O conto em questão é construído a partir de imagens de personagens e de cenários. A imagem é um signo e, por isso, representa algo e precisa ser lida e decodificada, uma vez que ajuda a construir sentidos para aquilo que se observa. Então, vamos à leitura dos signos.

Quando falamos em diferenças, sabemos que elas se apresentam e representam de múltiplas maneiras, dependendo de cada sociedade e época em que assim se constituem. Dadas pelo pensamento, pelas ações ou pela própria etnia ou cultura, o homem as estabeleceu segundo

Valores e dogmas religiosos, culturais e até mesmo políticos, institucionalizando perfis humanos aceitáveis e não-aceitáveis. Em outras palavras. Estabelecendo o preconceito e a segregação, em muitos casos, letal.

A narrativa de Rubião nos leva a pensar sobre como o diferente é recebido e tratado em uma sociedade conservadora, cujas regras são ditadas pelas instituições de poder inquestionável. Nesse contexto, ser diferente em qualquer que seja a situação, física, cultural, étnica, social ou de gênero representa sofrimento e morte pela rigidez do tratamento dado às pessoas.

Dragões são criaturas milenares e mitológicas, cuja existência busca comprovação na ciência arqueológica. Confundido com algumas espécies de dinossauros, sua diferença estaria na habilidade de cuspir fogo em rajadas quilométricas. Então, como explicar que os personagens do texto de Murilo sejam dragões que chegam a uma cidade qualquer e são submetidos a todos os tipos de experimentos?

No dicionário de Símbolos, o Dragão representa a fusão da serpente e do pássaro. Do grego (Drakon), é considerado um dos monstros mais poderosos que remonta à antiguidade. Uma representação complexa e universal, visto que aparece em mitos e lendas de todo o mundo. Figura enigmática, o dragão está também associado às profundezas do mar, ao topos das montanhas e às nuvens, simbolizando, dessa forma, o desconhecido e oculto.

Na verdade, como ser místico, esteve associado a divindades, às águas fertilizantes das serpentes e ao divino “sopro da vida” do pássaro. Somente mais tarde adquiriu aspectos malignos, tornando-se, portanto, um símbolo ambivalente de criatividade e destruição. Os monstros, certamente, fazem parte de um mundo desconhecido, assim como as divindades das mitologias grega e romana.

Associemos, pois, as divindades à criatividade, à busca pelo desconhecido que gera explicações que hoje chamamos mitos. As explicações para seres, existências e fenômenos geraram histórias cuja criatividade é convincente. Contudo, mesmo a ciência tendo desmistificado e racionalmente criado conceitos com bases fundamentais, muitos desses mitos tornaram-se simbólicos para a cultura ocidental, oriental ou asiática. Nesta o dragão é, sem sombra de dúvida, o símbolo da força, da sabedoria, do poder, da proteção e da riqueza, naquela, é visto como uma criatura maligna. O dragão tem existido, onde quer que haja cultura chinesa, e os chineses eventualmente começaram a chamar a si próprios de descendentes do dragão.

Pensemos que a Idade Média é o ambiente dos dragões para os cristãos, diferente de outras crenças. Tanto que há na mitologia um único homem confrontando e matando um dragão, e este era cristão: Jorge. Hoje conhecido como São Jorge, porque, segundo a lenda, teria livrado o povo do hálito venenoso de um dragão. Uma vez associado às profundezas e aos movimentos da terra, o dragão poderia ser um vulcão e suas cinzas destruíam e engoliam tudo o que vinha pela frente, como uma grande draga. Como soldado que erar, Jorge bem poderia ter retirado o povo sem ação daquele lugar.

Assim, como mito, cada crença aceita e cultua suas explicações para ele. Isso pode explicar por que os primeiros dragões que “apareceram” foram tratados da forma como foram tratados. O ambiente onde chegaram era ortodoxo, fechado, conservador, e os dragões representam o contrário porque “muito sofreram com os costumes do lugar”, foram trancafiados em “casa previamente exorcismada”. Esse detalhe requer um pouco mais de atenção, uma vez que quem cumpria esse rito era a igreja tradicional e dogmatizadora. Seus preceitos eram radicais e inflexíveis e tudo o que não se encaixasse nesse perfil criado para a manutenção da ordem e do poder, sofreria algum tipo de inquisição.

Nesse sentido, podemos encarar os dragões como sendo a diferença que desacomoda, que incomoda e, em meio ao círculo fechado, tenta sobreviver, articulando argumentos que se firmam sutilmente e conquistam alguns corações. É o caso da cultura oriental que, após a segunda Guerra mundial começa a se espalhar pelo mundo, com a migração dos próprios orientais. Considerados esquisitos pela aparência e pela inteligência que inclui outras crenças e costumes foram se acomodando em regiões e bairros específicos para a certeza de sua sobrevivência, formando sua própria comunidade. Isso também aconteceu com os Italianos e outras etnias que chegaram no final do século XIX e início do século XX para a colonização do Brasil. Chamados de anarquistas, aqueles que detinham conhecimentos sobre sociedade e exploração foram perseguidos e presos pela ameaça que representavam ao círculo de intenções coloniais existente no país.

Percebemos que a força de algumas instituições sobre os dragões é maior que outras. Sua voz é dominante, já que é o vigário quem dá as ordens sobre o que fazer com os bichanos, mandando trancafiá-los em uma casa velha e exorcismada. Logo após atribuí- lhes batismo e escola.

Certamente, a casa velha reforça a ideia do conservadorismo e a intolerância revela-se pela exorcismação. Isso lembra os livros envenenados na IM, nas igrejas medievais para que o conhecimento não se propagasse. Toda a forma de criatividade ou conhecimento era tolhido ou inquirido até a morte.

A ideia compartilhada pela epígrafe que introduz o texto: “Fui irmão de dragões e companheiro de avestruzes.” (Jó 30.29), também é reveladora, uma vez que está ali apontando uma pista de leitura. Este capítulo refere-se ao “Monólogo de Jó”. O conteúdo de suas palavras revelam tempos em que sua palavra e sua glória sempre se renovavam, em que todos o escutavam e acatavam suas palavras sem questionamento. Representa o velho testamento. De repente, Jó sofre uma maldição do demônio que entende sua fortuna como obra do pecado. Deus deixa que o diabo lhe tire tudo, inclusive os filhos. O homem passa a ser acusado de pecado e zombado por todos. Sua retidão e fidelidade a Deus é questionada. Mesmo que sua esposa ache que devam amaldiçoar a Deus, Jó continua fiel.

Todos, como chacais querem “comer seu fígado”, tentar sua tolerância, crucificá-lo. Seus irmãos duvidam de sua inocência, e eximem-se de sua defesa como avestruzes de pescoço longo cogitam sobre sua culpa, procurando uma resposta do alto.

Mas e o que isso tem a ver com o conservadorismo e a intolerância ou com o texto? Neste caso, Jó sofreu a intolerância do demônio (associado às pessoas que não conseguem conceber pureza de coração nas pessoas pela sua retidão de caráter e fidelidade a Deus mesmo diante da desgraça. Para uma sociedade e para os descrentes sempre há um pecado por debaixo das ações das pessoas prósperas e respeitadas como Jó. A palavra de Deus não é colocada em dúvida em nenhum momento. É a certeza, é a lei, a vida, o tudo. Os Dragões sofrem acusações e julgamentos injustos como Jó. Quem os julga são as instituições como a própria Igreja, a Escola, a família, a Lei, enfim, a sociedade composta por homens normais que não estão acima de qualquer julgamento.

O narrador, neste caso, exerce fundamental papel. Embora seu discurso em 1ª pessoa não esteja se dirigindo a Deus, mas explorando os acontecimentos em busca de explicações, pois recebe a incumbência de educar os dragões, questiona alguns valores e atitudes e reflete sobre o comportamento dos dragões. O Narrador é professor e também nunca havia educado dragões. Mas de volta à epígrafe, ela nos revela que o professor narrador, foi “irmão de dragões”, ou seja,

foi um deles e, nesse sentido, reconhece o comportamento dirigido a eles. O professor, assim como João e Odorico, os únicos que sobreviveram, acomodaram-se aos conceitos, corrompendo-se para a sua própria sobrevivência. Quando o professor, mesmo contrariando o padre, revela-se contrário ao batismo, dá o primeiro passo em defesa das aculturações já havidas no nosso país como a dos índios e negros, livrando os migrantes do jugo da sociedade.

Por isso o texto refere-se a primeiros dragões, como criaturas que apareceram na cidade, fenômenos desconhecidos até então. Contudo, foram eles que receberam precários ensinamentos comprometendo irremediavelmente a sua formação moral pelas absurdas discussões surgidas com a chegada deles ao lugar. Trata-se de uma observação importante ao que se refere à pureza do ser humano antes de ele iniciar a sua convivência social. As origens ou especialidades atribuídas a eles, despersonificaram-nos a ponto de serem confundidos com animais de tração ou mais tarde como atração.

Lembramos das questões escravagistas e das questões indígenas vividas no nosso país, em que índios e negros eram concebidos pelo homem branco como animais e desprovidos de alma. A distância e o desconhecimento gera preconceito e a docilidade e a pureza do ser humano o escraviza. Assim também foi com os primeiros estrangeiros que pisaram ainda em terras coloniais. Vindos de um mundo velho traziam consigo nas bagagens uma cultura e um conhecimento inexistente no mundo novo e precário ainda de uma visão global. Uma ameaça ao conservadorismo estabelecido e à ordem do lugar.

Ao longo do texto, o pacto que criamos com ele e sua tessitura, nos faz entender os dragões como seres humanos. Pessoas que pelo jeito de ser ou pensar ou pela etnia (raça - já que se trata de animais) são diferentes das concepções existentes que se querem únicas e sábias. No entanto, a incompreensão veio justamente da ignorância sobre eles: "Poucos souberam compreendê-los e a ignorância geral fez com que, antes de iniciada a sua educação, nos perdêssemos em contraditórias suposições sobre o país e a raça a que poderiam pertencer."

A todo momento percebemos o reforço à ideia do atraso da sociedade que pensa ainda medievalmente, reforçando também a ideia do mito contida nos dragões. Nesse caso é necessário entender o que é um mito. Um mito é uma narrativa de caráter simbólico-imagético, ou seja, o mito é uma realidade independente, mas evolui com as condições históricas e étnicas relacionadas a uma dada cultura, que procura explicar e demonstrar, por meio da ação e do modo de ser das personagens, a origem das coisas.

A intenção da sociedade era educá-los. Mas era necessário saber de sua origem. A Igreja foi a primeira a manifestar-se: “A controvérsia inicial foi desencadeada pelo vigário.” E seu poder julgou-os coisas do demônio, apesar da aparência. Aliás, uma prática muito comum quando se quer ter o domínio a partir de imposições e certezas e verdades únicas. A princípio o padre proibiu educá-los. O professor, “velho gramático negava-lhes a qualidade de dragões” dizia serem “coisa asiática, de importação europeia” – o que nos remete novamente a ideia de que podem tratar-se sim de migrantes vindos do velho mundo. Contudo, outros conceitos apareciam sem fundamentações algumas: “Um leitor de jornais, com vagas ideias científicas e um curso ginásial feito pelo meio, falava em monstros antediluvianos. O povo benzia-se, mencionando mulas sem cabeça, lobisomens.” São as superstições diante do desconhecido, da falta de conhecimento.

A pureza é reconhecida apenas pela pureza. As crianças, que brincavam furtivamente com os hóspedes, eram as únicas que sabiam que eram simples dragões. Entretanto, elas não foram ouvidas. E como já dissemos anteriormente, o professor, como Jó, foi o único que teve paciência para esperar e buscar as respostas, pois “O cansaço e o tempo venceram a teimosia de muitos. Mesmo mantendo suas convicções, evitavam abordar o assunto.” Quando não se sabe explicar ou fundamentar, foge-se do assunto ou esquece-se, ou pelo menos, tenta-se. O preconceito afasta a razão, gera polêmica e o erro. Acabam-se criando conceitos errôneos que se alastram e cometem injustiças. Como no caso de Jó que perdeu tudo injustamente em função do preconceito do diabo.

A sociedade, contudo, quando reconhece que está errada, abafa, joga para debaixo do tapete e cria estratégias para se redimir. Novamente a Igreja dá o passo fundamental, “desejando encerrar a discussão, que se avolumava sem alcançar objetivos práticos”. O padre firmou uma tese: os dragões receberiam nomes na pia batismal e seriam alfabetizados.

Foi o professor que trouxe à razão o fato de serem apenas dragões, que não precisavam de nomes, nem de batismo. O professor age com paciência diante das especulações por respeito ao pároco e evitando contribuir para exacerbar os ânimos. Perdeu a calma diante da “insensatez reinante”, expandindo seu desagrado: “são dragões”. Fora a primeira vez que o professor tomara uma atitude discrepante das decisões “aceitas pela coletividade”. Há um unísono entre as instituições para que a calma e a ordem se estabeleçam. Assim, resolveram dar apenas nomes, sem necessidade de batizá-los.

Nesse novo sistema, subtraídos ao abandono, muitos dos dragões que foram entregues ao professor para serem educados não sobreviveram, contraindo moléstias desconhecidas, apenas dois sobreviveram: “infelizmente os mais corrompidos.” A sobrevivência dependeu exclusivamente da forma como Eurico e João se adaptaram ao meio, uma vez que eram “Mais bem-dotados em astúcia que os irmãos”.

Astuto é aquele que tem jogo de cintura para burlar as regras e normas e ainda sair vitorioso. Ambos percebem o que é necessário fazer para agradar aquela sociedade: igualar-se a ela ou servir-lhe de diversão: “fugiam, à noite, do casarão e iam se embriagar no botequim. O dono do bar se divertia vendo-os bêbados, nada cobrava pela bebida que lhes oferecia”. A rotina é algo insuportável ao homem e, por essa razão, os dragões não vão agradar por muito tempo. “A cena, com o decorrer dos meses, perdeu a graça e o botequineiro passou a negar-lhes o álcool.” Diante dessa nova ordem, viram-se obrigados a mudarem de tática: “para satisfazerem o vício, viram-se forçados a recorrer a pequenos furtos.” Vão se adaptando ao meio conforme suas necessidades.

A empatia veio por parte do professor (o narrador). Ninguém acreditava na possibilidade de educá-los. O professor foi o único; “eu acreditava na possibilidade de reeducá-los e superar a descrença de todos quanto ao sucesso da minha missão”. Utilizava-se de sua influência junto ao delegado para livrar os dragões de roubos, embriaguez e desordem. Nunca conseguiu respostas sobre as origens dos dragões. “O material colhido nos interrogatórios sucessivos a que os submetia eram muito reduzidos, por terem vindo jovens para o lugar”. Essa passagem remete ao fato de que as culturas e origens vão, de fato, se perdendo, quando a adaptação ocorre por inteiro, pelo medo, pela necessidade. Perde-se a identidade, esconde-se a identidade.

Há outra passagem no conto que lembra a morte da mãe: “lembravam-se confusamente de tudo, inclusive da morte da mãe, que caíra num precipício, logo após a escalada da primeira montanha”. No Brasil, logo após a primeira missa, realizada no Monte Pascal, a cultura indígena foi perdendo suas raízes pelo processo de catequização por que passaram. Foram obrigados a isso. Não houve alternativa ou escolha. O homem branco dominou-os como se fossem uma espécie desconhecida que precisava ser “adestrada”.

O professor parece, na sua tentativa de educá-los, deixá-los livres. É empático e respeita as origens e instintos dos animais, bem como a pureza que fluía de seus olhos. Odorico, revelou-se ‘por uma vagabundagem inata’, fugia às aulas era simpático e gostava de mulheres, fazendo-lhes graças. Apaixonado por uma delas, nada pode fazer o professor para preveni-lo do perigo a

que estava se sujeitando, já que ela era casada. A irreverência de Odorico, lembra o “jeitinho brasileiro”. Bebia, gostava de mulheres, metia-se em noitadas. A malandragem inconsequente fez dele um defunto, vítima da passionalidade do marido da moça.

O último dos dragões, João, foi o que mais assimilou os ensinamentos e esforços do professor, deixando de beber, dedicava-se aos estudos, ajudava nos afazeres da casa assumindo compromissos corriqueiros. Além disso, associou-se às crianças da vizinhança integrando-se totalmente a elas: “brincando com os meninos da vizinhança. Carregava-os nas costas, dava cambalhotas.” Parecia feliz aos olhos do professor.

O ato de cuspir fogo, associado à maioria carrega uma simbologia ímpar. Nenhum dos outros cuspiu fogo. Somente João: “Regressando, uma noite, da reunião mensal com os pais dos alunos, encontrei minha mulher preocupada: João acabara de vomitar fogo. Também apreensivo, compreendi que ele atingira a maioria.” Atingir a maioria pode significar a conquista da autonomia, quando João cospe fogo ele revela a consciência que tem de si mesmo, embora não se rebelde contra nenhum dos seus opressores. Mas usa o fogo como estratégia para divertir, para assegurar-se de que para sobreviver é preciso enganar. Torna-se querido e festejado: “O fato, longe de torná-lo temido, fez crescer a simpatia que gozava entre as moças e rapazes do lugar. Só que, agora, demorava-se pouco em casa. Vivia rodeado por grupos alegres, a reclamarem que lançasse fogo”.

João tornou-se atração do lugar: “Nenhuma festa alcançava êxito sem a sua presença. Mesmo o padre não dispensava o seu comparecimento às barraquinhas do padroeiro da cidade.” tornou-se uma espécie de elemento indispensável porque fazia. Era serviçal, era obediente.

Quando da chegada do circo João recebeu propostas de emprego mas recusou-as, e na mesma época da partida do circo deu-se pelo seu sumiço. Várias e imaginosas versões deram ao seu desaparecimento.

Por mais que João tenha tentado se adaptar, chegando ao extremo de transformar sua identidade numa diversão para os demais, como se fosse algo inusitado ou tão diferente que devesse ser exposto como uma anomalia ou defeito para deleite ou admiração da população, o fato de ter sumido significa o seu esgotamento. Ser chamado pelo circo foi a constatação de sua insignificância, de que era comparado a uma atração, a uma diversão apenas. Que a sua vaidade o traia também.

Esse texto não só alude às questões das diferenças e de como pode ser doloroso para algumas etnias, ou para algumas religiões e crenças o processo de adaptação social, de como

a intolerância destrói e transforma as mentes de uma sociedade mal informada e ignorante conduzida pelo senso comum. O conhecimento, a sabedoria, o diferente sempre teve que encontrar um caminho para sobreviver à ignorância, às trevas, à escuridão. Os dragões representam o diferente, o conhecimento, o incompreensível.

REFERÊNCIAS

BORGES, Jorge Luis. **O livro dos seres imaginários**. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1997.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Moraes, 1984.

COHEN, Jeffrey Jerome. **A cultura dos monstros**: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *A pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 23-60.

PEIRCE, C.S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SOUZA, L.S. **Introdução às Teorias Semióticas**. Petrópolis: Vozes, 2006.